

A MODA NA CIDADE DE SÃO LUÍS: CONECTANDO HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA

Fashion in the city of São Luís: connecting historiography and history teaching

Sampaio, Jéssica; Mestra; Universidade Estadual do Maranhão, jessicasampaio_@hotmail.com¹

Resumo: O presente estudo busca evidenciar a relação entre moda e história como base para a confecção de um produto educacional voltado para a educação básica, contemplando a investigação das singularidades históricas, influências culturais, transformações sociais e a mudanças no modo de consumo no contexto presente na cidade de São Luís (MA) entre 1950 a 1970, analisando, sobretudo, a moda enquanto ferramenta para o ensino de história e o debate acerca dos jogos de poder e interesses que estão presentes nas relações sociais e de gênero nesse período.

Palavras-chave: Moda; História; São Luís.

Abstract: The present study seeks to highlight the relationship between fashion and history as a basis for creating an educational product aimed at basic education, including the investigation of historical singularities, cultural influences, social transformations and changes in the mode of consumption in the current context of the city of São Luís (MA) between 1950 and 1970, analyzing, above all, fashion as a tool for teaching history and the debate about the games of power and interests that are present in social and gender relations during this period.

Keywords: Fashion; History; São Luís.

Introdução

A moda se tornou uma das principais expressões na dinâmica da aparência e da sociedade. No campo acadêmico, os estudos sobre moda têm ganhado expressivo aumento nos espaços de pesquisa e investigação, visto que é dentro dessas visões estabelecidas ao longo do tempo que percebemos a moda como uma ferramenta promissora que permite compreender as transformações sociais, as alterações nas vestimentas e o diálogo com abordagens que estão presentes em diversos períodos históricos, como as representações machistas, desiguais e sexistas.

Nessa perspectiva, associar a Moda com a História e o ensino é uma maneira de interpretar os acontecimentos sob novos parâmetros, especialmente, pela compreensão do período de 1950 a 1970, como um momento de efervescência política, cultural, social e econômica, afetando diretamente a vida em sociedade. É através desse diálogo

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST) pela Universidade Estadual do Maranhão (bolsista UEMA) – linha de pesquisa: memórias e saberes históricos. Mestra em História (PPGHIST) pela UEMA. Especialização (em curso) em Moda, Arte e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em História pela UEMA. Faz parte do NUPEGEM – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Gênero e Educação do Maranhão do curso de História da UEMA.

transdisciplinar, destacando a mudança de comportamento, as concepções sobre o “ser” homem e ser mulher, entre tantas outras permanências e padrões naturalizados, entendemos a necessidade de repensar e desconstruir práticas e representações difundidas pela imprensa que tinham o objetivo de moldar comportamentos e corpos no espaço público.

Além disso, inserir a história local em um roteiro de memória, gênero, vestimentas e aspectos socioculturais simboliza uma maneira de evidenciar singularidades presentes no contexto histórico de São Luís, que por vezes, passam despercebidos ou não são considerados importantes quando comparamos com a trajetória de outras regiões. Porém, é importante destacar a necessidade de explorar a história local e identificar particularidades que, ainda assim, sinalizam para uma movimentação de moda, comportamento e outras transformações que permearam não somente cidade como Rio de Janeiro e São Paulo, importantes vitrines do Brasil nesse período, tanto de forma política quanto econômica, mas apresentar a cidade diante de ramificações que visam definir os espaços de moda, os criadores, os desejos de consumo e a vida “vendida” nos anúncios e texto dos jornais e revistas.

Consideramos, também, que a inserção da temática Moda no campo do ensino de História revela um reflexo importante nas dimensões que envolvem o ensino e a aprendizagem, primeiro por incentivar a busca por discussões que por muito tempo foram invisibilizadas e silenciadas, como a História das Mulheres, delineando complexidades, disputas e influências para elucidar que as experiências humanas precisam ser “lidas”, conectadas com os interesses e contextualizadas com os fragmentos da realidade, para que possamos entender a dinâmica de determinadas sociedades. Depois, por ser a Moda um indispensável eixo de pesquisa, responsável por problematizar discursos, práticas e outras questões, ao suscitar enfoque na desproporcionalidade presente nos conteúdos imagéticos e textuais nas narrativas dos materiais didáticos, com presença reduzida de mulheres e dos modos de vestir.

A moda dentro dos novos temas no ensino de História é uma abordagem pertinente, justamente pelas inúmeras produções que consideram até os dias de hoje, esse campo enquanto hobby e futilidade femininos. Enquanto isso, observamos nos livros didáticos, de modo geral, uma narrativa masculina, branca e excludente. É claro que para a produção e composição de um livro didático existem inúmeras temáticas que precisam se fazer presentes, todavia, a disputa por esses espaços e de ordem curricular, ainda declara que há uma pequena expressividade nas atuações dos papéis femininos em sociedade, bem como, a descrição e análise das vestimentas, que comumente não são exploradas dentro do contexto histórico.

Portanto, o objetivo deste trabalho é enfatizar a importância da relação da moda com a história enquanto caminho para a construção de um produto educacional. Levando em consideração o interesse em produzir um material direcionado para a educação básica, 9º ano, em uma escola pública municipal, se torna imprescindível promover discussões que coloquem em pauta a vida na cidade, realçando os locais existente nos impressos e a importância destes para a economia e o estabelecimento de uma identidade no contexto da cidade. Logo, objetivamos também, com a criação desse produto, ressignificar abordagens que reforçam os estereótipos e outras formas de enquadramento

femininos, que posteriormente, podem se tornar desdobramentos da violência e da desigualdade perpetuada pelo patriarcado, delimitando e afetando até hoje o modo como as mulheres podem ocupar os espaços públicos, a forma como devem se comportar nas ocasiões sociais, a adequação ao modelo de vestimentas escolhido e até a escolha da trajetória profissional, que deve ser de acordo com a “graciosidade e leveza” feminina.

Essa pesquisa ocorre através da coleta de dados nos jornais e revistas encontrados no Arquivo Público do Estado do Maranhão e na Biblioteca Pública Benedito Leite. Optamos pela escolha dos impressos que tinham circulação nacional, por ser evidente a relevância do contexto nacional para entendermos como a cidade de São Luís estava situada frente a outros avanços e enredos, mas damos destaque para produções locais para percebermos a dinâmica presente no espaço e analisar como se desenhava a moda vestida pela cidade. Apesar dos estreitos e apertados investimentos econômicos em relação às cidades maiores, havia um desejo pelo consumo, por um novo estilo de vida e, sobretudo, pelos anseios de uma juventude que lutava por outros ideais.

Nessas fontes, visamos conteúdos imagéticos e textuais, contidos nos anúncios e em colunas sociais, pequenas representações da vida urbana em São Luís que possam indicar como se vestiam, se comportavam e os ideais das camadas médias e altas dentro do recorte estabelecido. Para essa análise, ressaltamos que os fragmentos não representam a totalidade de uma sociedade, principalmente devido aos discursos estabelecidos, às construções visuais e outras formas de perceber o quanto a vida em sociedade era permeada por intencionalidades, disputas de poder e ordenamentos que recaíam, em proporções desiguais e superiores, ao modo de viver feminino, ou seja, permanentemente pendente de aprovações e ressalvas masculinas, que depois eram reproduzidas em outros contextos.

A análise do livro didático, fonte incontestavelmente importante, atravessa essa pesquisa quando selecionamos imagens e como estas são abordadas no material, buscando informações sobre o papel feminino, a composição visual e imagética, o detalhamento sobre a vestimenta do período, o destaque para a imagem masculina, entre outros questionamentos. Identificar diálogos entre a moda, história e as relações de gênero no contexto escolar demonstra o modo como homens e mulheres eram delineados socialmente e como o espaço urbano ganhou destaque nas construções sobre moda e identidade, mesmo repercutindo padrões estéticos que eram disseminados para a sociedade.

A ausência da história local nos livros que são adotados pela rede municipal e/ou estadual, evidenciam a necessidade de discutir sobre a memória da cidade e das formas como podemos encontrar, dentro do ensino de História e da Moda, direcionamentos para compreender que neste local havia uma demanda que consumia roupas, comportamentos, padrões de beleza e formas de controle. Perceber que a cidade se constitui como precioso campo de pesquisa e disputa de narrativas, nos mostra que o interesse em estabelecer vínculos com os movimentos históricos. Assim, o Programa de Pós-Graduação em História (Universidade Estadual do Maranhão) tem sido responsável por uma grande produção de investigações que contemplam o contexto local e sejam conduzidos para professores e/ou alunos, do ensino médio, fundamental, médio e até da graduação, com o intuito de conectar academia e comunidade com noções

historiográficas sobre a produção das narrativas, as pesquisas com as fontes e a inserção de temáticas que não são muito recorrentes no ensino, como a Moda.

Portanto, em quesito metodológico, pautamos esse trabalho como pesquisa qualitativa. Apesar das investigações com as fontes, a coleta de imagens e textos, buscamos nas informações de pequenas parcelas da dinâmica social, as porções sobre a realidade enfrentada ou idealizada pelos organizadores e produtores dos jornais e revistas. Por isso, nosso olhar não se posiciona para buscar veracidade nos fragmentos, mas pela interpretação acerca do que está sendo difundido dentro de naturalizações que estabelecem normas e regras para as vivências em sociedade.

Logo, o referencial teórico tem como base as discussões elaboradas por em Rainho (2014) associando moda, imagem e a vida em sociedade; Zimmermann (2013), que faz um panorama acerca da sociedade de consumo dos anos 1950 e as transformações no comportamento na década de 1960; Pinsky (2014) com as relações de gênero e a história nos anos dourados; Barros (2013), por meio da importância da história local e o jornal como fonte histórica; Mara Rúbia Sant'anna (2016) com reflexões sobre teoria de moda, imagem e consumo; Bell Hooks (2024), pontuando questões de gênero e o fortalecimento de abordagens que valorizem as trajetórias femininas no campo acadêmico e nos lugares em sociedade; e por último, Maria de Lourdes Lacroix (2020), em que a autora retrata transformação e o fazer cotidiano, indicando a evolução urbana, os costumes, artes e os espaços de lazer que constituem a identidade e a memória da cidade de São Luís

São Luís e a moda: a cidade como espaço de transformações

Quando falamos sobre moda, logo nos aproximamos do modo de vestir. As transformações nas vestimentas ao longo do tempo, o modo como as pessoas se vestem em determinadas regiões, a adaptação ao clima que resulta em roupas mais leves ou pesadas para proteger o corpo do frio e calor e, principalmente, a forma como as vestimentas se inserem nos meios que envolvem as alterações de barreiras sociais e as práticas estabelecidas pelos indivíduos, que são consequências das relações de gênero, moldadas de acordo com os preceitos em vigor em cada sociedade.

No entanto, o campo da moda transborda o conceito de referência única à vestimenta e, é nesse sentido, que incluímos as transformações na cidade de São Luís, enquanto demandas que são provenientes do processo de modernização e melhorias do espaço urbano na tentativa de se aproximar aos grandes centros, estabelecendo novas formas de circulação em sociedade, ampliando postos de trabalho, ambientes de lazer e moradia.

O início do século XX é marcado por esse desejo de “vir a ser”. A década de 1920, partindo de uma premissa local, revela pequenos avanços e melhorias na dinamização da vida urbana, os novos hábitos e as novidades que surgem a partir dos padrões estabelecidos em território europeu e, posteriormente, foram difundidos em cenário nacional. Todavia, apesar dos esforços para alcançar novos patamares de progresso e configurar um outro ritmo de vida, a cidade

de São Luís caminhava lentamente diante das alterações que ganharam mais notoriedade, como em São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo Lacroix (2020, p. 24), os ‘melhoramentos nas áreas centrais com ajardinamento de algumas praças, avenidas e calçamento de ruas mediais, aprimorando a cidade, não passavam de paliativos’. Para a autora, o instinto de modernização da cidade transitava também pelo apagamento das marcas do passado, pois não havia preocupação com o conjunto arquitetônico presente na cidade que tinha um valor cultural e histórico e, diante dessa falta de interesse, houve demolição e outras “mutilações”, que configuravam a inclinação para outras vistas e belezas arquitetônicas, embora existisse ainda, uma certa insatisfação da população ao perceber essas ações.

Além disso, a imprensa era responsável por difundir uma ampla propaganda com as ideias e os planos de melhoramentos e remodelação da cidade. Lacroix (2020, p. 51), destaca que esse processo se deu no âmbito urbano ‘através de anúncios diários na imprensa, cartazes espalhados, além da pressão com sobretaxas especiais sobre casas antigas, desapropriação e demolição de muitos imóveis e amplos favores fiscais concedidos pela Prefeitura para novas construções ou reformas’. Ou seja, um plano de remodelação urbana que queria romper com a ideia de “província” associada à São Luís, baseado na ideia de países e outras capitais que abraçavam o contexto do progresso e da civilização em curso em outras regiões.

Esse Plano de Remodelação da cidade surge em 1936 com o engenheiro Otacílio Sabóia Ribeiro, mas só começa a ser colocado em vigor a partir de 1940. Pensar na alteração da estrutura da cidade, no alargamento das ruas, transporte público, circulação das pessoas e o estímulo ao consumo de um estilo de vida que ainda ganhava forma em São Luís, simboliza a influência sofrida pela política, economia e cultura para elevar a imagem moderna, condições de trabalho e as trocas entre os grupos sociais, em especial, quando interpretamos os investimentos ofertados como ferramentas para beneficiar uma população e, conseqüentemente, construir outras condições e interesses com o esforço pela transformação. Ainda assim, até meados de 1966, Lacroix (2020, p.74) diz que era ‘tudo muito atrasado, precário, artesanal, no período enfocado’.

Vale ressaltar, que o discurso dava um certo “ar romântico” à modernização, mas falhava em suporte físico, com a infraestrutura. Portanto, percebe-se com a segunda metade do século, uma transição das famílias mais abastadas economicamente para regiões mais altas da cidade, devido ao crescimento populacional e à ocupação desenfreada de determinadas áreas, como as próximas às fábricas, para facilitar a chegada e o percurso ao âmbito de trabalho. Temos então, nesse período, meados da década de 1950, a ocupação da Rua Grande, Rua Rio Branco, ‘aos poucos, bares, cinema, livraria, museus, repartições públicas, residências coletivas dão certo movimento à parte colonial, outrora o perímetro mais importante e rico de São Luís’, afirma Lacroix (2020, p. 110).

Nesta década, São Luís já vivia intervenções urbanas, com a instalação da malha ferroviária e rodoviária, que incentivou o aumento populacional e trouxe à cidade muitos indivíduos que buscavam oportunidades de emprego. A

cidade foi sendo remodelada para amparar essas pessoas, porém as condições de vida se moldavam com precariedade, visto que os locais de ocupação dessas famílias eram os mangues e palafitas. Somente na década de 1960 que foram sentidos maiores investimentos no setor econômico e na cidade, com o êxodo rural proveniente das iniciativas da Vale do Rio Doce e da Alumiar, por exemplo.

A partir de então, a aparência de São Luís foi se alterando com a implantação de diversos projetos de infraestrutura. As principais mudanças na mancha urbana aconteceram a sudoeste e ao norte, induzidas pela construção de obras como a barragem do Bacanga, que facilitou a ocupação dos bairros da área Itaqui-Bacanga e a Ponte do São Francisco que facilitou a ocupação e expansão dos bairros do São Francisco e Renascença, localizados na faixa litorânea, próximos às praias. Os conjuntos habitacionais também modificaram consideravelmente essa mancha urbana. Localizados em áreas afastadas do tradicional centro residencial e comercial, foram deixando vazios urbanos propícios a novas ocupações, além de atraírem para suas imediações e periferias ocupações irregulares e sem infraestrutura (COSTA; ZAGO, 2008, p. 6).

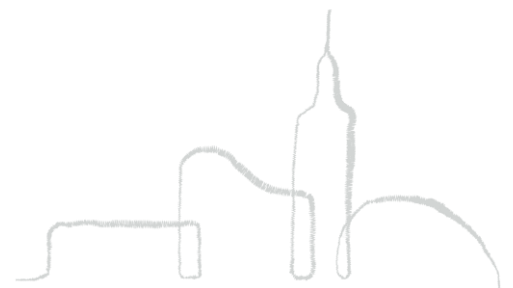
A ocupação da cidade e o crescimento desordenado impulsionam os atrativos urbanos a convocar mais mão de obra a baixo custo e inserir nessa motivação, o contato com o novo. Prédios, pontes e o alargamento de avenidas foram realizados na década de 1970, sem contar com a ampliação dos espaços de consumo e de circulação de uma população que se dividia. De um lado, as famílias da elite, que trabalhavam com o comércio, da vestimenta à alimentação, e de outro, uma população que tentava sobreviver com as condições estabelecidas por essas transformações e pela própria manutenção das barreiras sociais, como as mulheres e homens que vendiam produtos em locais públicos, como os doces de tabuleiro, o caranguejo, entre outros.

A estética e a dinâmica da cidade se transformam dentro dos moldes convencionados pelas influências nesse período, justamente com a criação de novos espaços de lazer, como os cafés, praças, cinemas e outros ambientes que propiciavam o distanciamento do passado e a aproximação com a novidade. O novo, o rompimento com comportamentos e referências tradicionais, demonstram que a segunda metade do século XX deu lugar a uma reformulação da vida social.

(...) pois sendo a aparência do moderno, somente podia assim se definir pela paixão incondicional pelo novo, aquilo que é sempre o depois, o próximo a surgir. As imagens que se vislumbram ao horizonte têm muito pouco de fixas. Como miragens são difusas e o que fica dessa apreensão é o movimento, o reconhecimento de um aqui indesejado e a crença de que para lá está o futuro a alcançar (SANT'ANNA, 2016, p. 44).

Desse modo, além das mudanças físicas e comportamentais vinculadas à efervescência do período, as transformações atingem o modo de viver na cidade. As experiências sociais, antes vinculadas ao exibicionismo dos grupos sociais mais favorecidos em ocasiões especiais, passam a contemplar uma nova maneira de atravessar o meio social ao interpretar o consumo como uma estratégia para acessar e viver a individualidade, adentrar caminhos sociais, políticos e reformular os hábitos antigos.

As relações de gênero e as representações femininas



A moda veste a cidade, passa por novas definições de estrutura urbana, mas também desenha as relações sociais e de gênero. Dentro dos estudos de moda, se faz importante associar a categoria gênero para compreender os contextos históricos, as desigualdades e os padrões que envolvem as práticas sociais de homens e mulheres. Nesse sentido, é válido perceber o quanto as mulheres foram colocadas em posições de submissão e falta de posicionamento.

O contexto histórico durante muito tempo beneficiou os feitos e as concepções sobre a masculinidade como superiores e grandiosas. No entanto, ao analisarmos os obstáculos existente nas vidas das mulheres, independente da classe social, identificamos diversas formas de controle da vida em sociedade, na tentativa de manter a vigilância e restrições às experiências, vivências e circulação social. Portanto, a fixidade das regras que envolvem o masculino em sociedade, evidenciam o quanto as práticas favorecem carreiras políticas, trocas econômicas e a realização de desejos pessoais e familiares que são validados socialmente, por outros grupos e por outros homens.

Devemos considerar que algumas interpretações reforçam estereótipos e naturalizações que tem a função de manter as mulheres em nichos isolados. Tanto a moda quanto a história, possuem esse entrelaçamento evidente no que diz respeito às relações de gênero, afinal, tratam de construções culturais e sociais que estruturam o modo como homens e mulheres devem se comportar, ocupar espaços e se posicionar na dinâmica social.

Apesar da categoria gênero ser utilizada, por vezes, para promover o debate sobre as lutas, conquistas e aspectos femininos, vale lembrar que esta é relacional, ou seja, através das condições e determinações históricas presentes nos mais diversos contextos e períodos, podemos questionar as condições masculinas e femininas, sobretudo retirando o cerco da naturalidade que envolve uma função social materna e divina, para entender os espaços ocupados por mulheres, os avanços, entre outras formas de contestar a dominação masculina no processo histórico.

A questões de gênero invadem o campo da moda e conduzem a ideia dentro do meio educacional. Bell Hooks (2024, p. 25), fala sobre a amplitude de um movimento que precisa unir homens e mulheres para ‘acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão, pois independente de quem perpetua o comportamento e as práticas de dominação, há uma estrutura que precisa ser combatida. Hooks (2024, p. 15) ainda se refere a uma ‘resistência contra a dominação masculina’, contra um sistema patriarcal que oprime e ainda coloca as mulheres em lugares completamente diferente dos homens.

As representações presentes nos jornais, revistas e até mesmo no livro didático, ainda dão maior visibilidade para as ações masculinas. Nos impressos, tratamos sobre formas de dominação, controle e práticas misóginas e, no campo educacional, há uma necessidade em estabelecer novos meios para explorar imagens e discussões que envolvem as relações de gênero. As versões mostradas pela história são responsáveis por uma cadeia de interesses, poderes políticos e econômicos, mas tanto nos documentos, quanto nos livros didáticos, não podemos esquecer que não há uma linguagem neutra e sem interesses.

Nos últimos tempos, os historiadores tem ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendencias econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc. Não teria sido possível desenvolver pesquisa nesses campos relativamente novos, se tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como os documentos oficiais produzidos pelas administrações e preservados em seus arquivos (BURKE, 2017, p. 17).

O conteúdo curricular e as reproduções nos livros didáticos elucidam a existência de lacunas sobre a História das Mulheres e as relações de gênero. A próprias análises sobre o corpo, o modo de vestir, de gesticular, de se comportar, evidenciam os silenciamentos e aprisionamentos que são perpetuados ao longo do tempo, mas moldados em outras formas dentro das relações sociais.

Portanto, análises sobre o corpo, roupa, trabalho e alimentação possibilitam exemplificar o quanto a moda e as relações de gênero estão trançadas historicamente. Nesse sentido, buscar novas abordagens sobre as formas de organizar a vida social, para interpretar as práticas e as relações com outros indivíduos, parte do desejo de explorar espaços e trajetórias que não foram desenvolvidos com as mesmas regras e mesmos impactos, afinal, homens e mulheres não são amparados socialmente da mesma forma, pois existem jogos sociais que beneficiam e privilegiam o masculino.

Ampliar os desdobramentos para retirar a fixidade das barreiras sociais impostas às mulheres, ampliar as maneiras de compreender a liberdade feminina, seja no âmbito profissional ou pessoal, são formas de romper com padrões de comportamentos que foram associados à submissão, fraqueza e ausência de capacidade das mulheres para direcionar a própria vida. Desconstruir estereótipos e compreender o papel político e social das mulheres em meio às lutas por direitos, garantias trabalhistas e outros avanços, mostram que ainda existe um caminho que pode ser trilhado através da dinâmica das aparências, do modo de vestir, mas principalmente, pela urgência em problematizar ações que violentam a dignidade feminina até os dias de hoje.

Considerações Finais

Um dos fatores primordiais para o trabalho do tema em sala de aula se dá pela atualidade dos debates. Podemos refletir sobre aspectos políticos, culturais, sociais, econômicos, meio ambiente e as formas de consumo. Essa infinidade de aspectos que podem ser permeados pela ramificação entre moda, história e gênero, representam o quanto esse é um tema importante para ser debatido no campo escolar.

Sabemos que as práticas de consumo, gostos, roteiros de compras e investimentos em produtos passam por inúmeros núcleos familiares, das classes mais baixas às altas, mesmo com os abismos entre a qualidade e o valor do que é consumido, existe um processo que leva à aquisição. Seja pela cultura, pelo meio social em que o indivíduo está inserido. Poder fazer essa trajetória e levar às reflexões sobre as sociedades das décadas de 1950 a 1970, impulsionam

o interesse pela manutenção da memória da cidade e da inclusão de São Luís na rota da moda, do consumo e das transformações sociais.

Portanto, colocar São Luís no contexto sociocultural brasileiro para compreender a conexão da Moda com a História, é uma estratégia para construir novos olhares. Investigar através das fontes de imprensa, as transformações dos padrões de beleza e as características das relações entre homens e mulheres dentro de um sistema social de aparência e comportamento, compreendendo como a moda se apresentou dentro de um recorte geográfico que não fazia parte de um espaço de destaque nacional para esse debate e revelar uma dimensão ainda pouco percebida em sala de aula, onde encontramos as maiores limitações: a ausência dos estudos de moda no campo do ensino da história e, por fim, as produções locais, praticamente inexistentes, expondo o quanto é pertinente analisar, além das vestimentas, trajetórias que possibilitam visualizar os indivíduos através das transformações no tempo.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **A expansão da História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. **O Jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica**/ Peter Burke; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.

COSTA, E. & ZAGO, F. **Dinâmica Histórica e Urbana de São Luís**. Instituto da Cidade Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural. São Luís – MA, 2008.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. . Tradução: BHuvi Libanio. 24 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma**. 2ª edição ampliada Vol II. Edição em recurso digital. São Luís, 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Moda e Revolução nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo**. 2ªed. ver. e atualizada. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

ZIMMERMANN, Máira. **Jovem Guarda: moda, música e juventude**. São Paulo: Estação das Letras e Cores/Fapesp, 2013.

